

DOCES VAMPIROS CAPITALISTAS

José Benjamim de Lima

Para Karl Marx, o capital é semelhante ao vampiro. Assim como este é um morto-vivo, que para continuar existindo precisa nutrir-se de sangue humano alheio, aquele é dinheiro morto, que se nutre da exploração do trabalho humano.

O curioso da concepção marxista do capitalismo como vampiro é sua proximidade com a visão cristã-católica primitiva a respeito dos juros. Na Idade Média, muitas passagens do velho e do novo Testamento (como a de Lucas, VI, 35: “Emprestai sem nada esperar”), eram interpretadas como uma condenação à usura. O cristianismo medieval combatia duramente a agiotagem (embora a Igreja visse como normal vender indulgências e absolvições, bem como acumular riquezas, propriedades e bens materiais). Para a visão cristã daquela época, a usura era um gravíssimo pecado. Entendia-se que o dinheiro nada produzia, e, portanto, gerar dinheiro com o próprio dinheiro era contra a natureza; fazia do usurário um ladrão. O dinheiro emprestado e devolvido depois de um certo tempo, acrescido de juros, tornava o agiota (ou banqueiro) um ladrão, pois vendia, na verdade, o tempo, algo que não lhe pertencia, que era de Deus.

Nutrindo-se do sangue humano como um vampiro, ou do tempo como um ladrão, o capitalismo reina soberano no mundo de hoje, como sistema econômico praticamente exclusivo, movido pelo consumismo desenfreado e pela cultura do dinheiro.

Até mesmo os vampiros acabaram transformando-se em mercadoria preciosa, no mundo capitalista. O filósofo do comunismo muito provavelmente jamais imaginou que, nos inícios do século XXI, o tema do vampiro iria tornar-se mercadoria internacional de consumo. Nunca se curtiu tanto o sobrenatural vampiresco, moda e mania conduzida competentemente pela indústria cultural. Romances e filmes, às dúzias, fazem, hoje, do vampiro e do vampirismo, seu tema recorrente. Vampiros em

série, séries de vampiros, invadindo o espaço do imaginário consumista, sempre no ranking dos mais vendidos e mais vistos, deixando poucas alternativas, em matéria de cultura consumista e diversão descomprometida, à provável minoria, da qual faço parte, que morre de medo de histórias e filmes de terror e de vampiro.

Nos seus primórdios, o culto às histórias de vampiro era coisa para poucos, quase uma rebelião antiburguesa, um modo de fazer balançar os monótonos valores estabelecidos da vida convencional; hoje os vampiros se popularizaram, estão por toda parte, em massa, dominando o gosto das massas. Evoluíram dos vampiros “cults”, metáforas aterrorizantes, como em *Nosferatu*, o vampiro, para seres mais *lights* e refinados como os de Bram Stoker, ou para jovens românticos, suaves vampiros, dos livros e filmes de agora, vampiros estilo pega-moça, a serviço do amor, orbitando entre o crepúsculo e o amanhecer, eclipsando a lua, usurpando antigas funções da poesia.

Eu, que continuo morrendo de medo de vampiros, não caio nessa doce pasteurização do vampirismo. Vampiros suaves e românticos? Estou fora! São os truques de sempre do capitalismo, para dourar a pílula e vender a sua mercadoria. (limajb48@gmail.com)

Crônica do livro “Vou-me Embora pra Galápagos” (pp. 49-50)

